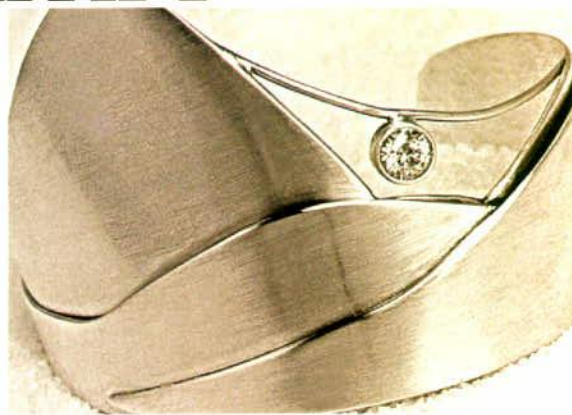


Com propostas originais e peças inspiradas na beleza da cidade, a joalheria contemporânea mostra quando o Rio é uma jóia.

Por Lina de Albuquerque

CARIOCAS DA GEMA



O bracelete Ondas, de Elizabeth Franco (na outra pág.), e a pulseira Pão de Açúcar, de Lúcia Abdenur (ao lado), são inspirados na Cidade Maravilhosa

Leila Diniz não usava aliança. Mas circulava por Ipanema exibindo uma pulseira que a qualquer momento se transformaria num anel. Ela combinava com o espírito da atriz carioca que, no final dos anos 60 e começo dos 70, pregou o amor livre e o direito das mulheres de casarem e descasarem quantas vezes entendessem. O bracelete que continha uma sugestão libertária, e ao mesmo tempo um compromisso velado, foi criado por um joalheiro que acabou fazendo escola. Caio Mourão, o precursor das “jóias de autor”, como são conhecidas, tem seguidores espalhados por todo o país. Mas é no Rio de Janeiro que a sua proposta continua mais viva. Os cariocas da gema contam hoje com dois importantes núcleos de criação e pesquisa para desenvolver os seus talentos: o Atelier Mourão, que um ano depois da morte de Caio continua sendo tocado pela filha Paula, e o Projeto Paládio, que reúne a nata criativa dos designers de jóias.

“Designer de jóias”: um termo meio irritante para um dos primeiros criadores a ser tratado assim. Caio

Mourão argumentava que fazer jóia não era o mesmo que desenhar um bule. Queria continuar sendo chamado de joalheiro e ponto. Mas as propostas que apresentava tinham pouco a ver com a joalheria tradicional. Ele achava que um joalheiro de verdade precisava acompanhar todos os processos de criação. Na sua opinião, tudo o que reluz era ouro sim, ou pelo menos simbolicamente podia ser. Nada impedia que uma peça de cobre valesse mais que outra de metal mais nobre, desde que ela agregasse valores como originalidade, sofisticação, elemento surpresa. Mais do que o metal usado, é a criatividade que toca fundo o coração deste tipo de ourives. Um exemplo era o “umbigo”, um exclusivo pingente de prata que Caio fazia tomando por molde a parte do corpo de quem seria depois presenteada com a peça. Paula Mourão conta que aquele pingente fez tanto sucesso quanto a pulseira-aliança usada por Leila Diniz. O bracelete com intenções casadouras, por sinal, chamava-se Ipanema.

O Rio de Janeiro, capital do estado que mais ex-

porta jóias no país, continua lindamente homenageado pelos novos designers, ou artistas joalheiros, chamem como quiserem. Todos propõem um caminho diferente da joalheria tradicional. A joalheria de autor valoriza a diferença. Ostentar é o que menos importa. “É como se quem estivesse usando a jóia sinalizasse que tem algo de diferente”, compara a carioca Bia Saade, uma das idealizadoras do Projeto Paládio, uma oficina no Rio Comprido dedicada ao desenvolvimento da joalheria artística. Bia é autora do anel de prata Memórias, que traz uma argola com pequenos recortes de fotos de ícones cariocas, como o Pão de Açúcar, Corcovado, ruas de Santa Teresa. Então, o que vale mais, exibir um diamante ou carregar o Rio no próprio corpo? Com aperfeiçoamento em Milão e passagens pelo Ateliê Mourão, a artista tornou-se mais do que uma simples representante da joalheria de autor que atualmente se faz no Rio. Bia é uma aglutinadora de talentos e também se dedica a atrair para o Paládio artistas com propostas parecidas. Ela costuma pensar uma jóia como uma obra de arte e por vezes o efeito tridimensional de suas peças remete a uma escultura. “Até mesmo o erro pode levar a resultados inesperados na criação”, ela reconhece. “É importante controlar o metal. Mas Caio Mourão dizia que às vezes era ainda mais necessário deixá-lo solto, para ele se tornar o que estivesse destinado a ser.”

Deixar o metal mais solto – eis um desafio para uma joalheira com formação em química industrial. Elizabeth Franco entrou para o mundo da joalheria artística por um caminho inverso da maioria dos artistas: ela dominava o material, mas não sentia que tinha grande liberdade de criação. Foi se soltando nas aulas de cerâmica, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Quando chegou às jóias, trouxe a maleabilidade da cerâmica, sem que o seu trabalho no ateliê perdesse a essência laboratorial. Um detalhe: o nome Paládio, grupo que Elizabeth ajudou a criar, é uma referência a um metal branco e maleável, usado como um catalisador. Aos alunos do Paládio, a artista hoje

repassa uma preciosa orientação que recebeu da ceramista Celeida Tostes: “Só conhecendo a fundo a técnica para poder transcendê-la”. Com o anel Casamento de Metais, Elizabeth dá demonstrações da sua técnica promovendo uma fusão dos mais diferentes metais. A criatividade também comparece em outras peças feitas à mão, como um colar de areia de seda pintada com tons do céu e do mar, bem integrado ao espírito praiano. As formas de onda presentes em seus anéis sugerem uma conexão entre a natureza e as pessoas.

É, o Rio é jóia. E esse também foi o título da exposição que há um ano levou alguns dos artistas do Paládio para Portugal. As peças inspiradas no Rio motivaram o aparecimento de outras coleções de Bia Saade, Elizabeth Franco e Lúcia Canuto, a artista que transferiu para os seus anéis o grafismo do calçadão e que hoje partiu para carreira solo. Um dos destaques, a pulseira de prata Dois Irmãos, de Lúcia Abdenur, agora irá envolver o braço de uma das personagens da próxima novela das oito da Globo. Há algum tempo os braceletes feitos por Lúcia, com designs inspirados na Pedra da Gávea e no Pão de Açúcar, já vinham conquistando um público de bom gosto e formador de opinião. Lúcia escolheu o caminho da joalheria artística e pretende continuar nele. “A jóia revela a sua mais preciosa dimensão quando o precioso atinge a alma”, ensina.

Bia Saade, Elizabeth Franco, Lúcia Canuto e Lúcia Abdenur, essa última uma mineira de alma carioca, continuam criando peças para celebrar o Rio. Na apresentação de outra exposição recente, na Galeria Gilson Martins, elas deixaram claro por que escolheram o tema “Cariocas da Gema”. As palavras “gema” e “jóia” vêm da mesma raiz – “joie”, em francês, que significa alegria, contentamento. Para responder à pergunta que propõem, a violência precisa ser deixada momentaneamente de lado: “Que cidade traduz melhor a alegria de viver?” A resposta vale ouro. Mas na concepção da jóia-arte, lembrem-se, um bom conceito vale mais do que qualquer nobre metal. ■



O broche Mar de Luzes, de Lúcia Abdenur (à esq.), e a aliança de Caio Mourão usada por Leila Diniz (acima). O presente e o passado da “joalheria de autor”, hoje fortalecida com o talento da artista Bia Saade, a designer do anel Labirintos (na outra pág.)